

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO II – Encarnação dos Espíritos

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Finalidade da Encarnação	O Livro dos Espíritos	03
Finalidade da encarnação	O Consolador	04
Os objetivos de nossa passagem pelo mundo	O Consolador	06
II – Alma	O Livro dos Espíritos	08
A Alma Humana	O Consolador	11
A Alma	O Principiante Espírita	13
III – Materialismo	O Livro dos Espíritos	15
Doutrina Materialista	Obras Póstumas	17
Necessidade de Transformação Moral As Virtudes segundo o Espiritismo A lei Divina e a lei humana A Humanidade Regenerada	Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita	18

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Capítulo II – Encarnação dos Espíritos

I – FINALIDADE DA ENCARNAÇÃO

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição.

Para uns, é expiação; para outros, missão.

Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo.

Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

133. Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

“Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito.”

a) — Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?

“Chegam mais depressa ao fim. Demais, as aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos.

Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos.”

Crônicas e Artigos

57 25/05/2008

O Consolador – (Arthur Bernardes de Oliveira)

Finalidade da Encarnação

I. Finalidade da Encarnação

Uma das questões que mais têm intrigado as pessoas que pensam é exatamente a que constitui o tema de nossa conversa de hoje. De fato os homens sempre se perguntaram:

– O que estamos fazendo aqui?

– Qual o objetivo da existência humana?

– Até quando teremos que passar por esse fatigante processo?

As respostas têm sido as mais descontraídas. Filósofos ensaiaram explicações. As religiões nos acenam com outras. Os materialistas supõem que somos um capricho da Natureza, agrupando células, e em torno delas desenvolvendo a vida.

Uns acham que estamos aqui para sofrer. Até já se definiu o planeta em que vivemos como “um vale de lágrimas” onde a felicidade é impossível. Os que assim pensam só nos acenam com o sofrimento e o fracasso.

A gente percebe que, embora semelhantes, somos profundamente diferentes. A forma geral – o desenho físico – é a mesma para todos, mas o conteúdo é profundamente diferente. Níveis de percepção diferentes, gostos diferentes, habilidades diferentes, tendências, reações, comportamentos diferentes.

Por que somos assim? Será que fomos feitos assim? Deus fez para cada um de nós, uma forma diferente? Ou a Natureza (para aqueles que não creem em Deus) fez cada um de nós, diferentes um do outro?

Por que uns são tão mais esclarecidos que outros? Mais sábios, mais belos, mais amados, mais simpáticos, mais habilidosos. Por que há ídolos que a unanimidade cultua? Por que há títeres, déspotas, governantes tão arrogantes? Por que há Hitler e Francisco de Assis? Lucrecia Borgia e Joana D’Arc?

A ciência nos diz que o Universo é resultado de uma lei a que todos nós estamos subordinados: a lei da evolução. Nossa meta é a perfeição. Perfeição possível, a que estão destinados todos os seres humanos. Um dia todos nós seremos perfeitos.

Quando será esse dia, ninguém sabe. Só depende de nós apressar sua vinda ou adiar-la no tempo.

Ao que nos foi dado saber, esse trajeto e essa caminhada devem ser feitos através da matéria, da carne, das encarnações.

Precisamos lembrar que, em 1865, surgiu uma volumosa obra, dita mediúnica, que nos trouxe uma estranha ideia sobre isso. Precisamos lembrar para que não reste nenhuma dúvida entre nós. Inclusive porque há vários companheiros que aceitam e divulgam essa ideia. Essa obra contraria frontalmente a Doutrina dos Espíritos ao afirmar que a evolução dos Espíritos se faria, normalmente, enquanto Espíritos, sem a necessidade de passar pela experiência da carne. Jesus, segundo essa teoria, teria alcançado sua evolução em linha reta, sem nunca ter precisado encarnar-se e, conseqüentemente, reencarnar-se. É mais: que o que leva o Espírito às agruras da encarnação é a sua queda pelo pecado. A encarnação, nessa hipótese, não seria uma necessidade, mas um castigo para quem tivesse cometido, como Espírito, o pecado do orgulho, da inveja ou do ateísmo. Esses três pecados, e só esses, levariam ao castigo da encarnação. Depois, sim, pelos erros cometidos na carne, viria a exigência das reencarnações.

Esse pensamento não foi acolhido por Kardec, para quem, conforme afirmaram os Espíritos que o ajudaram na consolidação da doutrina, a encarnação não é um castigo e sim uma necessidade da evolução.

Algumas pessoas costumam indagar: Não nos poderia Deus ter feito perfeitos já de uma vez, poupando-nos das encarnações? Teria evitado essa série de dificuldades por que temos de passar quando mergulhamos na matéria... Essas amolações todas que envolvem nossa passagem por aqui.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

É claro que Deus poderia ter-nos feito perfeitos. Ele pode tudo. Mas por que não fez? Só perguntando a Ele ou esperar que o tempo, talvez, nos permita entender.

Kardec foi direto à questão: – Afinal, qual é o objetivo da encarnação? (Questão 132, de O Livro dos Espíritos.)

– Os objetivos são dois – responderam os Espíritos: (a) encaminhar o Espírito na jornada da evolução e (b) colocá-lo em condições de realizar a parte que lhe cabe na obra da criação.

Ou seja: ao mesmo tempo em que Deus nos põe na Terra em contato com a matéria para, através dela, atingirmos a perfeição a que estamos destinados, fez de nós coautores de sua obra. O planeta que Deus nos entregou para nele vivermos nossa experiência na carne não estava pronto, acabado. Como ainda não está. Essas subversões que periodicamente nos visitam são necessárias à acomodação das coisas e ao equilíbrio das forças que o governam.

Nossa participação no processo de aperfeiçoamento da Terra é fundamental. Hoje a Terra é um jardim, muito diferente daquela bola de fogo que nos foi entregue para as nossas primeiras experiências. Os pântanos, os desertos, os lugares insalubres e sombrios, ao pouco, pela ação do trabalho humano, foram se transformando e a Terra hoje é um planeta saudável, belo, harmonioso, quase pronto. Há ainda coisas a fazer; desertos a reflorestar, áreas a colorir. Mas o grande modelo está quase completo.

É fácil perceber a nossa participação na obra do Criador. Deus deu-nos a pedra e nós a transformamos em máquina. Deu-nos o trigo e nós fizemos a farinha e o pão. Escondeu o petróleo e nós fomos buscá-lo no fundo do poço para construirmos as coisas de que nós precisamos. Deu-nos a cana e fizemos o açúcar. Mas como somos travessos, da cana também fizemos o álcool e a cachaça. Deu-nos a uva e nós fizemos o vinho. Deu-nos a árvore e nós criamos o papel, a roupa, o caderno e os livros que guardam o que aprendemos para repassá-los aos que vierem depois. Da árvore também fizemos o abrigo. Deu-nos a alegria e nós construímos os sonhos.

São dois, pois, os objetivos principais da encarnação: acelerar o nosso crescimento e trabalhar no aperfeiçoamento da grande obra de Deus. Há, porém, outros objetivos a alcançar. Objetivos paralelos. Importantíssimos, como tudo que nos vem da parte do Senhor:

Passarmos pelas provas que escolhemos para vencer fraquezas que ainda nos dominam (provação);

Corrigirmos, pela cirurgia da dor, as lesões que causamos em nós mesmos, por indisciplina, por imprudência ou por teimosia (expição);

Enriquecermo-nos com os dons que a traça não rói, o ladrão não rouba e a ferrugem não consome, única riqueza que nos acompanha para onde formos, porque essa, sim, é patrimônio que se incorpora, definitivamente, à nossa alma;

Substituímos pelo afeto de hoje a mágoa que, por descuido, implantamos, ontem, no coração das pessoas a quem ferimos ou humilhamos (reparação).

Editorial

195 06/02/2011

O Consolador

I. Finalidade da Encarnação

Os objetivos de nossa passagem pelo mundo

Em seu livro **Socialismo e Espiritismo**, Léon Denis diz que a solução dos graves problemas que assolam nosso mundo passa por um processo educativo que explique ao homem o porquê de sua presença e de sua passagem sobre a Terra.

Com efeito – observou Denis –, de que serve ao homem conquistar os ares, as águas e todas as forças materiais, se ele não aprende a conhecer, a discernir as finalidades de sua vida?

O objetivo da encarnação dos Espíritos em planetas como o nosso é algo bem definido na doutrina codificada por Allan Kardec.

O Codificador do Espiritismo perguntou aos imortais: – Qual a finalidade da encarnação dos Espíritos? Eles responderam: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta”

(O Livro dos Espíritos, questão 132).

Em outro momento, Kardec indagou: – Como pode a alma acabar de se depurar? Resposta:

“Submetendo-se à prova de uma nova existência”. A finalidade da reencarnação é, pois:

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?”

(O Livro dos Espíritos, 166 e 167).

Em um artigo publicado na Revue Spirite em 1863 Kardec examinou a tese de que os Espíritos não teriam sido criados para se encarnarem.

A encarnação não seria senão o resultado de uma falta. O Espiritismo afirma o contrário, ou seja, que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito e do próprio planeta em que ele vive, e não uma forma de castigo, como ensina de modo equivocado o roustainguismo.

Comunicação obtida em 1864 na Sociedade Espírita de Sens diz que a reencarnação é fator indispensável ao progresso espiritual, à qual Kardec acrescenta que, trabalhando para si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para o melhoramento do mundo em que habita.

Em Paris, o mesmo tema foi focalizado por outro Espírito, que explicou que a reencarnação é necessária enquanto a matéria dominar o Espírito. Do momento em que o Espírito passa a dominar a matéria, a reencarnação não se torna mais necessária; é o estado dos chamados Espíritos puros. O texto pode ser visto na Revue Spirite de 1864, pp. 48 a 50.

Desta última comunicação destacamos os ensinamentos seguintes:

I) À medida que as sensações corporais do homem se tornam mais requintadas, suas sensações espirituais também despertam e crescem.

II) Sendo os fluidos os agentes que põem em movimento o nosso corpo, são eles os elementos de nossas aspirações, pois existem fluidos corpóreos e fluidos espirituais.

III) Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, uma vez encarnado, age por meio deles sobre a máquina humana, que ele deve aperfeiçoar.

IV) O Espírito possui livre-arbítrio e procura sempre o que lhe é agradável e satisfaz. Se for um Espírito inferior e material, busca suas satisfações na materialidade e dá, assim, um impulso aos fluidos materiais. V) Como necessita de depuração e esta, só é alcançada pelo trabalho, as

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

encarnações escolhidas lhe são mais penosas, porque – depois de haver dado supremacia à matéria e a seus fluidos – deve constrangê-la, lutar com ela e dominá-la.

Comentando a mensagem, Kardec ensina que, considerada do ponto de vista do progresso, a vida dos Espíritos apresenta, assim, três períodos principais:

1. O período material, no qual a influência da matéria domina a do Espírito.
2. O período do equilíbrio, no qual ambas as influências se exercem simultaneamente.
3. O período espiritual, no qual, tendo dominado completamente a matéria, o Espírito não mais necessita da encarnação e seu trabalho passa a ser inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

Reafirmando a necessidade do processo reencarnatório, Emmanuel diz:

Na questão 96 do livro – O Consolador que a reencarnação representa, em si mesma, uma estação de tratamento e de cura de certas enfermidades d'alma, às vezes tão persistentes que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores.

E é exatamente isso que nos mostram as trovas seguintes, psicografadas por Chico Xavier, constantes do livro “Na Era do Espírito”, cap. 4:

"Para quem sofre no Além
Sob a culpa em choro inglório
O regresso ao lar terrestre
É a bênção do purgatório" (**Oscar Leal**)

"Não adianta fugir
Do débito que se atrasa,
Reencarnação chega logo
Cobrando dentro de casa" (**Cornélio Pires**)

"Quando um sábio das Alturas
Necessita reencarnar
Ninguém consegue impedir
Nem adianta evitar" (**Casimiro Cunha**)

"De quaisquer provas na Terra
A que mais amansa a gente:
Inimigo reencarnado
Sob a forma de parente" (**Lulu Parola**)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

II – ALMA

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

a) — Que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Espírito.”

b) — As almas e os Espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa?

“Sim, as almas não são senão os Espíritos.

Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem.”

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo.”

a) — De que natureza é esse laço?

“Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.”

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º — o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º — a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

3º — o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.

136. A alma independe do princípio vital?

“O corpo não é mais do que envoltório, repetimo-lo constantemente.”

a) — Pode o corpo existir sem a alma?

“Pode; entretanto, desde que cessa a vida do corpo, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; enquanto que, depois de essa união se haver estabelecido, a morte do corpo rompe os laços que o prendem à alma e esta, o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”

b) — Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

137. Um Espírito pode encarnar a um tempo em dois corpos diferentes?

“Não, o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos.”

(Ver, em O Livro dos Médiuns, o capítulo VII, “Da bicorporeidade e da transfiguração”.)

138. Que se deve pensar da opinião dos que consideram a alma o princípio da vida material?

“É uma questão de palavras, com que nada temos.

Começai por vos entenderdes mutuamente.”

139. Alguns Espíritos e, antes deles, alguns filósofos definiram a alma como sendo: “uma centelha anímica emanada do grande Todo”. Por que essa contradição?

“Não há contradição. Tudo depende das acepções das palavras. Por que não tendes uma palavra para cada coisa?”

O vocábulo alma se emprega para exprimir coisas muito diferentes.

Uns chamam alma ao princípio da vida e, nesta acepção, se pode com acerto dizer, figuradamente, que a alma é uma centelha anímica emanada do grande Todo. Estas últimas palavras indicam a fonte universal do princípio vital de que cada ser absorve uma porção e que, após a morte, volta à massa donde saiu. Essa ideia de nenhum modo exclui a de um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade.

A esse ser, igualmente, se dá o nome de alma e nesta acepção é que se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Dando a alma definições diversas, os Espíritos falaram de acordo com o

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

modo por que aplicavam a palavra e com as ideias terrenas de que ainda estavam mais ou menos imbuídos. Isto resulta da deficiência da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra para cada ideia, donde uma imensidade de equívocos e discussões.

Eis por que os Espíritos superiores nos dizem que primeiro nos entendamos acerca das palavras.¹

140. Que se deve pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos e presidindo assim a cada uma das funções do corpo?

“Ainda isto depende do sentido que se empreste à palavra alma. Se se entende por alma o fluido vital, essa teoria tem razão de ser; se se entende por alma o Espírito encarnado, é errônea. Já dissemos que o Espírito é indivisível. Ele imprime movimento aos órgãos, servindo-se do fluido intermediário, sem que para isso se divida.”

a) — Entretanto, alguns Espíritos deram essa definição.

“Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.”

A alma atua por intermédio dos órgãos e os órgãos são animados pelo fluido vital, que por eles se reparte, existindo em maior abundância nos que são centros ou focos de movimento. Esta explicação, porém, não procede, desde que se considere a alma como sendo o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa por ocasião da morte.

141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior ao corpo e o circunvolve?

“A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso constitua o envoltório do corpo. A alma tem dois invólucros. Um, sutil e leve: é o primeiro, ao qual chamamos perispírito; outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo, já o temos dito.”

142. Que dizeis dessa outra teoria segundo a qual a alma, numa criança, se vai completando a cada período da vida?

“O Espírito é uno e está todo na criança, como no adulto.

Os órgãos, ou instrumentos das manifestações da alma, é que se desenvolvem e completam. Ainda aí tomam o efeito pela causa.”

143. Por que todos os Espíritos não definem do mesmo modo a alma?

“Os Espíritos não se acham todos esclarecidos igualmente sobre estes assuntos. Há Espíritos de inteligência ainda limitada, que não compreendem as coisas abstratas.

São como as crianças entre vós. Também há Espíritos pseudossábios, que fazem alarde de palavras, para se imporem, ainda como sucede entre vós. Depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem exprimir-se em termos diferentes, cujo valor, entretanto, é, substancialmente, o mesmo, sobretudo quando se trata de coisas que a vossa linguagem se mostra impotente para traduzir com clareza.

Recorrem então as: figuras, comparações, que tomais como realidade.”

144. Que se deve entender por alma do mundo?

“O princípio universal da vida e da inteligência, do qual nascem as individualidades. Mas, os que se servem dessa expressão não se compreendem, as mais das vezes, uns aos outros. O termo alma é tão elástico que cada um o interpreta ao sabor de suas fantasias. Também à Terra hão atribuído uma alma. Por alma da Terra se deve entender o conjunto dos Espíritos abnegados, que dirigem para o bem as vossas ações, quando os escutais, e que, de certo modo, são os lugares-tenentes de Deus com relação ao vosso planeta.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

145. Como se explica que tantos filósofos antigos e modernos, durante tão longo tempo, hajam discutido sobre a ciência psicológica e não tenham chegado ao conhecimento da verdade?

“Esses homens eram os precursores da eterna Doutrina Espírita. Prepararam os caminhos. Eram homens e, como tais, se enganaram, tomando suas próprias ideias pela luz.

No entanto, mesmo os seus erros servem para realçar a verdade, mostrando o pró e o contra. Demais, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo torna apreensíveis.”

146. A alma tem, no corpo, sede determinada e circunscrita?

“Não; porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a Humanidade.”

a) — Que se deve pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?

“Quer isso dizer que o Espírito habita de preferência essa parte do vosso organismo, por ser aí o ponto de convergência de todas as sensações. Os que a situam no que consideram o centro da vitalidade, esses a confundem com o fluido ou princípio vital. Pode, todavia, dizer-se que a sede da alma se encontra especialmente nos órgãos que servem para as manifestações intelectuais e morais.”

16 01/08/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

A Alma humana

A visão dos materialistas

1. Antes do Espiritismo, errônea ou muito imprecisa, vaga e confusa era a ideia que se fazia da alma humana.

2. Erradamente considerada como efeito e não causa pelos materialistas, estes viam nos fenômenos psicológicos, dela dependentes, apenas o resultado da atividade funcional do sistema nervoso do homem. Um decantado, mas mal compreendido paralelismo psicofisiológico, parecia justificar esse modo de ver, porquanto, lesado o cérebro, ou a medula espinhal, ou os nervos, perturbam-se as funções superiores da consciência, o pensamento lógico, o juízo, o raciocínio, a memória, as sensações e as percepções humanas, instalando-se a demência, os delírios, as alucinações, a amnésia, as paralisias, a afasia, a insensibilidade e mesmo o coma.

3. Os homens de ciência, principalmente os fisiologistas, os psicólogos e os psiquiatras, foram desse modo levados a um erro fundamental, que é inverter os papéis do corpo e da alma, dando primazia àquele que, no entanto, é apenas instrumento da alma para a realização de suas atividades, enquanto encarnada.

A opinião dos vitalistas

4. Os vitalistas não cometeram o mesmo erro dos materialistas, mas, equivocadamente, confundiram a alma com o princípio vital da vida orgânica, sem explicar o atributo essencial da alma, que é a consciência individual, resultante da faculdade cognitiva ou inteligente do ser humano.

5. A inteligência nada tem a ver com a matéria, nem tampouco com o princípio vital, que é também substância material, embora sutil e dinâmica, donde emana a força vital, mas não a inteligência e, menos ainda, a razão lógica, o senso moral e todas as faculdades superiores, inexistentes nos outros seres vivos e organizados, vegetais ou animais, pelo menos no grau em que esplendem no homem racional e moral.

O ponto de vista dos espiritualistas

6. Os espiritualistas, ao contrário dos materialistas, consideram a alma como um ser real e distinto, causa e não efeito de toda atividade psicológica e moral do homem.

7. Conceituando-a como um ser distinto do corpo perecível e a ele sobrevivente, o espiritualismo clássico incorre, no entanto, no erro de considerar seja a alma criada com o corpo, ao qual se liga durante a vida física e dele se desprende com a morte, para seguir um destino do qual se fazem ideias muito vagas. A reencarnação, ensinada por grandes vultos da filosofia espiritualista, como Sócrates e Platão, não é aceita pelo espiritualismo clássico, que se alinha, nesse ponto, à doutrina da Igreja.

A alma vista pelo Espiritismo

8. Com Allan Kardec e a Doutrina por ele codificada, raiou no mundo a aurora de uma Nova Era, a Era do Espírito, e a conceituação de alma humana recebeu, então, brilhante luz.

9. Eis o que os próprios Espíritos ensinaram, no item 134 de “O Livro dos Espíritos”:

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

b) – Que seria o nosso corpo se não tivesse alma?

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

10. É admirável no texto referido a limpidez da Doutrina Espírita a respeito do que seja a alma do homem: “A alma é um Espírito encarnado.”

11. A alma é, pois, um ser real, individual, independente e autônomo, de natureza puramente espiritual e que tem por destino grandioso progredir sempre, alteando-se cada vez mais em conhecimentos e em virtudes, o que ela logra mediante múltiplas existências corporais, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até que, por fim, se liberta totalmente da necessidade de encarnar ao tornar-se Espírito puro.

A Alma

108. Qual a sede da alma?

– A alma não se acha localizada num determinado ponto do corpo, como geralmente se pensa: ela forma com o perispírito um conjunto fluídico penetrável e se assimila a todo o corpo, com o qual constitui um ser complexo. Assim, a morte não passa de um desdobramento. Poderíamos comparar a criatura a dois corpos semelhantes na forma, interpenetrados um no outro durante a vida, mas separados depois da morte.

Por ocasião da morte um é destruído, enquanto que o outro subsiste. Durante a vida a alma atua mais particularmente sobre os órgãos do pensamento e do sentimento: é, ao mesmo tempo, interna e exterior, isto é, irradia de dentro para fora. Pode até isolar-se do corpo, transportar-se para longe e manifestar a sua presença. Provam-no as observações e os fenômenos do sonambulismo.

109. A alma é criada ao mesmo tempo que o corpo ou lhe é anterior?

– Depois da existência da alma esta constitui uma das mais importantes questões, por isso que de sua solução decorrem consequências de alta significação. É a única capaz de explicar um grande número de problemas até aqui insolúveis, por não o haverem analisado.

Uma de duas: ou existia a alma antes da formação do corpo, ou não existia. Não há meio termo.

Com a preexistência da alma tudo é explicado natural e logicamente.

Sem a sua preexistência surgem dificuldades a cada passo: certos dogmas da Igreja ficam sem justificação. Isto tem conduzido à incredulidade muitos homens que pensam.

A questão foi resolvida afirmativamente pelos Espíritos; e os fatos, bem como a lógica, nenhuma dúvida deixam a respeito da preexistência. Admitida esta, ao menos como hipótese, a maior parte das dificuldades serão aplainadas.

110. Se a alma existisse antes da formação do corpo, tinha individualidade e consciência de si mesma?

– A não individualidade e a não consciência equivaleriam à não existência.

111. Antes de unir-se ao corpo a alma já havia realizado algum progresso ou se encontrava estacionária?

– O progresso anterior da alma tanto é demonstrado pela observação dos fatos quanto pelo ensino dos Espíritos.

112. Criou Deus as almas moral e intelectualmente iguais ou teria feito umas mais inteligentes e perfeitas do que outras?

– Se Deus as houvesse feito umas mais perfeitas do que as outras, tal preferência seria inconciliável com a sua justiça.

Todas são criaturas suas. Por que, então, isentaria estas do trabalho que àquelas impõe, a fim de alcançarem a felicidade eterna?

A desigualdade original das almas seria a negação da justiça divina.

113. Se criadas iguais, como explicar a diversidade de aptidões das almas e as naturais predisposições que notamos entre os homens?

– Tal diversidade é resultante do progresso realizado pela alma antes de sua união com o corpo. As almas mais evoluídas em inteligência e em moralidade são as que viveram mais e progrediram antes da presente encarnação.

114. Qual o estado da alma originalmente?

– Elas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem noção do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

Inicialmente encontram-se numa espécie de infância, sem vontade própria e sem a perfeita consciência de sua existência. Pouco a pouco se vai desenvolvendo o seu livre-arbítrio, ao mesmo passo que as suas ideias. (1)

115. Esse progresso anterior foi feito como alma propriamente dita ou em precedente existência corpórea?

– O ensino dado pelos Espíritos a esse respeito, bem como o estudo dos diversos graus de adiantamento do homem na Terra, provam que esse progresso anterior da alma deve ter sido realizado em diversas existências corpóreas, em número variável conforme o grau atingido. E a prova está na observação dos mesmos fatos que se acham, a cada passo, sob os nossos olhos. (2)

Referência:

(1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (114 e seqs.)

(2) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (116 e 222) e Revue Spirite – 1862, (pg. 97 e 106)

III – MATERIALISMO

147. Por que é que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que aprofundam a ciência da Natureza, são, com tanta frequência, levados ao materialismo?

“O fisiologista refere tudo ao que vê. Orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem haja coisa alguma que lhes esteja acima do entendimento. A própria ciência que cultivam os enche de presunção. Pensam que a Natureza nada lhes pode conservar oculto.”

148. Não é de lastimar que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, contrariamente, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se daí concluir que são perigosos?

“Não é exato que o materialismo seja uma consequência desses estudos. O homem é que deles tira uma consequência falsa, pela razão de lhe ser dado abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. Acresce que o nada os amedronta mais do que eles quereriam que parecesse, e os espíritos fortes, quase sempre, são antes fanfarrões do que bravos. Na sua maioria, só são materialistas porque não têm com que encher o vazio do abismo que diante deles se abre. Mostrai-lhes uma âncora de salvação e a ela se agarrarão pressurosamente.”

Por uma aberração da inteligência, pessoas há que só veem nos seres orgânicos a ação da matéria e a esta atribuem todos os nossos atos. No corpo humano apenas veem a máquina elétrica; somente pelo funcionamento dos órgãos estudaram o mecanismo da vida, cuja repetida extinção observaram, por efeito da ruptura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio. Procuraram saber se alguma coisa restava e, como nada acharam senão matéria, que se tornara inerte, como não viram a alma escapar-se, como não a puderam apanhar, concluíram que tudo se continha nas propriedades da matéria e que, portanto, à morte se seguia a aniquilação do pensamento. Triste consequência, se fora real, porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus apetites materiais; quebrados estariam os laços sociais e as mais santas afeições se romperiam para sempre. Felizmente, longe estão de ser gerais semelhantes ideias, que se podem mesmo ter por muito circunscritas, constituindo apenas opiniões individuais, pois que em parte alguma ainda formaram doutrina. Uma sociedade que se fundasse sobre tais bases traria em si o gérmen de sua dissolução e seus membros se entredevorariam como animais ferozes.

O homem tem, instintivamente, a convicção de que nem tudo se lhe acaba com a vida. O nada lhe infunde horror. É em vão que se obstina contra a ideia da vida futura. Ao soar o momento supremo, poucos são os que não inquiram do que vai ser deles, porque a ideia de deixar a vida para sempre algo oferece de pungente. Quem, de fato, poderia encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que foi objeto de seu amor? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se diante si o imensurável abismo do nada, onde se sepultassem para sempre todas as suas faculdades, todas as suas esperanças, e dizer a si mesmo: Pois que, depois de mim, nada, nada mais, senão o vácuo, tudo definitivamente acabado; mais alguns dias e a minha lembrança se terá apagado da memória dos que me sobreviverem; nenhum vestígio, dentro em pouco, restará da minha passagem pela Terra; até mesmo o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem beneficiei. E nada, para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva, além da do meu corpo roído pelos vermes!

Não tem este quadro, alguma coisa de horrível, de glacial? A religião ensina que não pode ser assim e a razão no-lo confirma.

Mas, uma existência futura, vaga e indefinida não apresenta o que satisfaça ao nosso desejo do positivo. Essa, em muitos, a origem da dúvida. Possuímos alma, está bem; mas, que é a nossa alma? Tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado, ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parcela do grande Todo, o princípio da vida e

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

da inteligência. Que é, porém, o que de tudo isto ficamos sabendo? Que nos importa ter uma alma, se, extinguindo-se nos a vida, ela desaparece na imensidade, como as gotas d'água no Oceano? A perda da nossa individualidade não equivale, para nós, ao nada? Diz-se também que a alma é imaterial. Ora, uma coisa imaterial carece de proporções determinadas. Desde então, nada é, para nós. A religião ainda nos ensina que seremos felizes ou desgraçados, conforme ao bem ou ao mal que houvermos feito.

Que vem a ser, porém, essa felicidade que nos aguarda no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação mais do que entoar louvores ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou um símbolo? A própria Igreja lhes dá esta última significação; mas, então, que são aqueles sofrimentos? Onde esse lugar de suplício? Numa palavra, que é o que se faz, que é o que se vê, nesse outro mundo que a todos nos espera? Dizem que ninguém jamais voltou de lá para nos dar informações.

É erro dizê-lo e a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, porém, pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples presunção, de uma probabilidade sobre a qual cada um conjeture à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou cumulem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, facultando-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de anti-religioso? Muito ao contrário, porquanto os incrédulos encontram aí a fé e os tíbios a renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é, pois, o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.

A inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem nada é antes, nem depois da vida corporal.

Consequências. Sendo o homem apenas matéria, os gozos materiais são as únicas coisas reais e desejáveis; as afeições morais carecem de futuro; os laços morais a morte os quebra sem remissão e para as misérias da vida não há compensação; o suicídio vem a ser o fim racional e lógico da existência, quando não se pode esperar atenuação para os sofrimentos; inútil qualquer constrangimento para vencer os maus pendores; viver cada um para si o melhor possível, enquanto aqui estiver; estupidez vexar-se e sacrificar o repouso, o bem-estar por causa de outros, isto é, por causa de seres que a seu turno serão aniquilados e que ninguém tornará a ver; deveres sociais sem fundamento, o bem e o mal meras convenções; por freio social unicamente a força material da lei civil.

NOTA — Não será talvez inútil lembrar aqui, aos nossos leitores, algumas passagens de um artigo que publicamos sobre o materialismo, na Revista de agosto de 1868.

“O materialismo, dizíamos, estadeando-se, como jamais o fizera em época nenhuma, apresentando-se como regulador supremo dos destinos morais da Humanidade, teve por efeito aterrorizar as massas pelas consequências inevitáveis das suas doutrinas com relação à ordem social. Por isso mesmo, provocou, em favor das ideias espiritualistas, enérgica reação, que lhe há de provar quão longe ele está de possuir simpatias tão gerais quanto supõe e que singularmente se ilude se espera impor um dia suas leis ao mundo.

“Certamente as crenças espiritualistas do passado não satisfazem a este século: já não estão ao nível intelectual da nossa geração; por muitos pontos, acham-se em contradição com os dados positivos da Ciência; deixam no espírito ideias incompatíveis com a necessidade do positivo que predomina na sociedade moderna; cometem, além disso, o erro de se imporem por meio da fé cega e de proscurem o livre-exame; daí, sem nenhuma dúvida, o desenvolvimento da incredulidade na maioria das criaturas. É de toda a evidência que, se os homens fossem alimentados, desde a infância, com ideias de natureza a serem mais tarde, confirmadas pela razão, não haveria incrédulos.” “Quantos, reconduzidos pelo Espiritismo à crença, nos hão dito: Se sempre nos houvessem apresentado Deus, a alma e a vida futura de maneira racional, jamais houvérámos duvidado.”

“Do fato de a um princípio dar-se má ou falsa aplicação, seguir-se-á que se deva rejeitá-lo? Ocorre com as coisas espirituais o que se verifica com a legislação e com todas as instituições sociais. Faz-se mister apropriá-las aos tempos, sob pena de sucumbirem. Mas, em vez de apresentar alguma coisa melhor que o velho espiritualismo, o materialismo preferiu suprimir tudo, o que o dispensava de pesquisar e lhe parecia mais cômodo àqueles a quem a ideia de Deus e do futuro importuna. Que se deveria pensar de um médico que, achando não ser bastante substancioso o regímen de um convalescente, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

“O que causa espanto na maioria dos materialistas da escola moderna é o espírito de intolerância levado aos últimos limites, quando ao mesmo tempo reclamam incessantemente o direito à liberdade de consciência!

“Há, neste momento, em certo partido, um levantar de broquéis contra as ideias espiritualistas em geral, nas quais, naturalmente, as do Espiritismo se acham envolvidas.

O que esse partido quer não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus matéria, menos embaraçoso, porque não se lhe tem de prestar contas. Ninguém contesta ao mencionado partido o direito de ter sua opinião, de discutir as opiniões contrárias; mas, o que não se lhe poderia conceder é a pretensão, singular, pelo menos, em homens que se dão como apóstolos da liberdade, de impedirem que os outros creiam a seu modo e discutam as doutrinas de que eles não partilham.

Intolerância por intolerância, uma não vale mais do que a outra.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo II)

Estudo aprofundado da Doutrina Espírita

III. Materialismo

Livro IV – O Consolador prometido por Jesus (Marta Antunes de Oliveira Moura)

Módulo III — Os Vícios e as Virtudes

Roteiro 4 – **Necessidade de Transformação Moral** - (pag. 147)

Entre os povos mais adiantados do Planeta avançam duas calamidades morais do materialismo corrompendo-lhe as forças: o suicídio e a loucura, ou, mais propriamente, a angústia e a obsessão.

Para suportar os atritos necessários à evolução e aos conflitos resultantes da luta regenerativa, precisa alimentar-se com recursos da alma e apoiar-se neles.

Roteiro 8 – **As Virtudes segundo o Espiritismo** - (pag. 192)

O materialismo presente na sociedade moderna, associado aos desregramentos morais, produz efeitos infelizes na mente e nos sentimentos das pessoas que aspiram a um mundo melhor. Entretanto, a Humanidade está sempre amparada pela providência divina que permite o renascimento de Espíritos mais esclarecidos, em bondade e em conhecimento, a fim de impulsionar o desenvolvimento da sociedade humana. Esclarecem os benfeitores espirituais, a respeito:

A virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas.

Sem dúvida nela o mal ainda domina, mas quando se procura na sombra, percebe-se que, sob a erva daninha, há mais violetas, isto é, maior número de almas boas do que se pensa. Se elas surgem a intervalos tão espaçados, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os prazeres do coração e a aprovação da consciência, ao passo que o vício se manifesta afrontosamente, em plena luz; faz barulho, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois polos do coração humano: um atrai todo o bem; o outro, todo o mal; um tem calma; o outro, tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conducente a cada um deles.

Esclarece ainda a Doutrina Espírita que há dois grandes obstáculos que dificultam o desenvolvimento de virtudes no ser humano: o interesse pessoal e o apego às coisas materiais.

Módulo IV — A Humanidade Regenerada

Roteiro 1 – **A lei Divina e a lei humana** (pag. 211)

Para vivenciar as leis divinas é importante não ser conivente com o mal, apresentado sob múltiplas expressões, nem se vincular à perturbação reinante na sociedade atual, intoxicada pelo materialismo. Trata-se de significativo desafio, mas se a criatura humana agir com inteligência e moralidade encontrará, no cotidiano, excelentes oportunidades para se transformar em pessoa melhor.

Para tanto, é necessário ter firme a vontade.

Roteiro 9 – **A Humanidade Regenerada** - (pag. 296)

Rejeição ao materialismo

Um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas; na repulsão instintiva que se manifesta contra as ideias materialistas.

O Espírito de incredulidade que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a própria substância de toda crença, parece ter sido um sono, a cujo despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizera, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.